



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

24 de Fevereiro de 2001 • Ano LVII - N.º 1486  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Casa de férias na praia do Bilene, Moçambique.

## ENCONTROS EM LISBOA

# Imigração

**D**ESDE os tempos mais longínquos da tradição bíblica que a pessoa do estrangeiro nos aparece tratada com todo o respeito. Em muitas ocasiões, os escritores sagrados tiveram o cuidado de nos deixar o testemunho do acolhimento que lhes é devido, bem como a correcção dos desvios e abusos cometidos contra eles. Aparecem nomeados ao lado dos órfãos, viúvas e doentes, revelando a sensibilidade à sua fragilidade.

Por tradição, possivelmente imbuída do espírito cristão, a nossa cultura sempre se manifestou sensível ao estrangeiro e, no último meio século, muitos de nós sentiram na sua própria pele o que é ser estrangeiro. Creio que, mesmo actualmente, continuamos com sensibilidade para acolher o diferente, embora, devido a erros de políticas sociais que foram acumulando e atirando para o lado milhares de estrangeiros, estejamos a dificultar a sua integração.

Um dos problemas com que lidamos actualmente é a burocracia ligada à imigração. Ligados aos imigrantes vêm os filhos e, se as famílias nacionais têm problemas, também as famílias migrantes os têm, o que significa que também para alguns dos filhos de imigrantes a Casa do Gaiato se torna a sua família alternativa. Já fui ao serviço de estrangeiros mais de uma trintena de vezes. Vou contar apenas três idas à Rua de S. Sebastião da Pedreira no mês de Janeiro. Pelo que vi, esta rua ainda se transforma na Rua das muitas paciências ou, talvez, das revoltas contidas por se ser estrangeiro.

Fui a primeira vez às nove horas, hora normal de abertura dos serviços. A bicha tinha cerca de duzentos metros. Aguardei estoicamente. Consegui entrar às 14 h. e ser atendido às 15,15 h. Ia levantar impressos.

Fui, no dia seguinte, para entregar os impressos. Cheguei eram 7 horas. Às 10,30h. a bicha ainda estava mais atrás do que no dia anterior em que tinha chegado às nove horas. Desisti.

No dia seguinte, fui às 6 h. em ponto. Havia um esboço de organização. Um rapaz distribuía um pequeno papel com um número. Coube-me o 135. O papel não tinha nem carimbo nem assinatura. Perguntei se valia alguma coisa e foi-me dito que sim. Aguardei. Esse papel permitiu que saísse, por algum tempo, da bicha e fosse comprar o jornal e estender as pernas. Quando chegou a minha vez de entrar, às 11,15 h. fiquei surpreendido. Apresentei o meu papel religiosamente guardado e oiço um sr. polícia dizer-me na cara: «Isso não vale nada. O que interessa é estar na bicha». Abro um parêntesis para lembrar o ditado popular: «Muito ajuda quem não estorva». Entrei. Mais senhas com número, agora oficiais. Aguardei. Fui atendido pelas 13,30 h. Num dos processos

faltava-me um papel. Pedi para voltar no dia seguinte. Não. Tinha que ser nesse dia, caso contrário teria de ir novamente para a bicha.

Durante estas esperas, tem-se tempo para rezar, para se revoltar e também para conversar. Fui conversando, de vez em quando. Havia pessoas que já andavam na bicha havia alguns dias porque faltava este ou aquele papel ou porque o impresso não estava correctamente preenchido. E sofria-se continuamente e perguntavam-se as pessoas se não podia ser de outra maneira.

No meio disto tudo uma flor para os funcionários: atenciosos, dedicados, pacientes, com vontade de ajudar a resolver, mas impotentes diante de tanta gente, todos os dias...

Há dias, vi Ministros na Televisão a visitar um serviço de estrangeiros. Espero que tenham visto as bichas, saibam delas e tentem resolver, já que assim não é humano, não dignifica a pessoa do imigrante nem o país que os recebe.

Padre Manuel Cristóvão

# Notas do Tempo

**H**Á muitas semanas que trago comigo para onde quer que vá, duas extensas mensagens, na expectativa de oportunidade para as ler com a atenção tranquila que elas me merecem. Uma, de um jovem inquieto em busca de si mesmo; a outra, de quem passou por transe idêntico e hoje, homem maduro e de sucesso, recorda com serenidade, o caminho andado. Ambos me escrevem de outros Continentes: o primeiro do seu, onde nasceu e vive; o segundo, de mais longe ainda, onde o levaram obrigações profissionais ao serviço da multinacional para que trabalhe como consultor na área das artes gráficas. Diz-me este: «Há muito que não dou sinal de vida. Mas a Casa do Gaiato não está ausente do meu permanente balanço de vida; pelo contrário, está intimamente associada porque a minha consciência ganhou aí as suas raízes. (...) Esta carta contém excertos das minhas memórias e como há muito não o visito ou lhe escrevo, achei pertinente partilhar alguns parágrafos consigo. Leia e vai perceber porquê». E acrescenta a ocasião e o lugar de onde o faz: «Há dias, passeando por Sydney, entrei na Catedral de Santa Maria para a visitar. Não rezo muito ou quase nada desde que saí da Casa do Gaiato... Por trás do Altar-Mor encontrava-se um refúgio acolhedor para meditação e foi aí mesmo que parei para passar as grandes etapas da minha vida a pente fino, tendo em conta as minhas origens e os passos que entretanto dei...»

Claro que não posso reproduzir aqui esta «partilha de alguns parágrafos» que enche completamente sete folhas A4 escritas em computador. Nem a partilha é dirigida urbi et orbe, mas a mim, com a advertência: «leia e vai perceber porquê».

O meu entendimento do «porquê» excede, certamente, o que ele pensou. Ele, depois de um «Obrigado, Pai Américo!»: «Levantei-me, saí da Catedral, não sem antes agradecer o contentamento que sinto pela minha vida ter tido o destino que teve».

O destino da sua vida não pára aqui. As dificuldades do percurso e os êxitos alcan-

çados — medidos e julgados pela sua consciência — não hão-de distraí-lo, antes estimulá-lo para o estado de milícia que é o viver aqui. A meta que Pai Américo estabeleceu, é transcendente: «Eu quero os meus filhos no Paraíso». No quase meio século que conta, ele teve ocasião de observar e fazer seus juízos de valor sobre o mundo que temos, sobre os homens que o fazem. A sua longa carta é documento disso. E também de como na fidelidade à consciência, obrigado a trocar caminhos facilitados por outros mais exigentes, se pode ir fortalecendo o sentimento de realização pessoal a que todo o homem tem direito e é fundamento da sua felicidade.

A Eternidade não seduz somente porque cresce com a experiência do viver no mundo e do desencanto deste. Pelo contrário, Ela é apelo aos homens para que não deixem crescer tanto esta desilusão, vigiando e trabalhando na aproximação do Tempo à Eternidade. Envolvido em trabalhos multinacionais que, na altura, o tinham na Austrália e agora na Ásia, que ele não esqueça de dar-lhes como alma este sentido de missão.

Mas o meu entendimento do «porquê» vai mais longe. Esta mensagem sabe-me a dom de Deus. Confrontados com o quotidiano, com as interrogações e acidentes que cada dia traz, estamos sempre a perder — como aconteceu com este meu correspondente há perto de trinta anos. À luz desta, eu leio a outra mensagem atrás referida, com outros olhos. Trata-se também de uma alma rica, de um espírito inteligente e vivo — o que fundamenta a esperança! Como seria a carta que ele me escrevesse daqui a trinta anos — quando o jovem em busca de si mesmo se tivesse achado — se ela pudesse então encontrar o destinatário...?

Assim Deus vai mitigando os nossos desfalecimentos e tomando suportável o cansaço, com este revigorar em nós a convicção de Pai Américo: «Um só que se salvasse..., valeria a pena! Mas eles são tantos, eles são tantos...!»

Padre Carlos

## SETÚBAL

# Jovens em risco

É incontrolável a multidão dos jovens em risco, no nosso País.

Dizem os informados que passam de vinte mil os que abandonam a Escola, todos os anos, durante o período lectivo. Ficam pr'áí encostados às paredes, sem rumo, à espera do caminho mais fácil que é sempre a desgraça. Ou então já foi ela que os aliciou a desistir de estudar.

Que fazer a tanto adolescente que, neste estado de coisas, não pode legalmente entrar no mercado do trabalho?

É assustador!... E onde estão as respostas? Punir quem dá trabalho a esta gente, seja a que pretexto for, é, no mínimo, lutar contra a Natureza.

Encontrei, há dias, um pequeno empreiteiro com um rapaz de quinze anos a trabalhar.

O moço aborreceu-se com a Escola, começou a faltar... e disse aos pais que não queria ir mais às aulas.

Os pais que são pobres e pouco instruídos ficaram a nadar em seco.

— *Vê lá se o podes meter na tua actividade!* — rogam àquele senhor.

O adolescente pareceu-me voluntarioso, determinado e a gostar do que fazia.

Observei-o a trabalhar e perguntei, admirado:

— Mas... o rapaz é tão novo.

— *Olhe* — disse-me o patrão — *ando aqui com a alma aos pulos. Se me vem uma fiscalização estou perdido. Mas os pais pediram-me tanto que ando a*

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**MÃE SOLTEIRA** — A pobre família chamou a atenção para um enorme prejuízo sofrido pelo vento e copiosas chuvas deste Inverno: Uma árvore, de grande porte, caiu sobre a sua casa que, aliás, ajudamos a construir. Teremos, agora, porém, de a reconstruir por serem muito carenciados.

Vale a pena contar a história desta gente: É uma mãe solteira. Criou os filhos *sem pai* (ora já homens), com grandes dificuldades também, e com a ajuda dos nossos Leitores.

No meio rural, estes quadros também acontecem, infelizmente. As mães solteiras nem sempre conseguem avançar com os seus direitos, por vergonha ou incapacidade, até conseguirem o teste de paternidade.

Quando topámos o caso, viviam num triste barraco que nem serviria para os animais. Então, discretamente, levantámos aquela gente com uma nova casa, pequenina, é certo, mas suficiente para essa *Madalena* poder criar os filhos decentemente. Foi, digamos, uma solução de *equilíbrio* para a família, já que o pai (ou pais) fugiram das suas responsabilidades.

Graças a Deus a pobre mulher conseguiu integrar-se no meio.

**A VOZ DO PAPA** — No último *Angelus* de 2000, na Praça de S. Pedro, lembrou «as famílias que atravessam crises difíceis marcadas por extrema pobreza, obrigadas a procurar o pão no estrangeiro ou vivendo sérios problemas dentro do seu próprio seio, devido às rápidas mudanças culturais e sociais que as atingem». Recordou «os atentos que sofrem» e rezou para que «se convertam numa pequena Igreja, escola de virtudes humanas e religiosas».

**PARTILHA** — A assinante 57002, da Senhora da Hora, manda «um cheque com a pequena oferta do mês de Janeiro. Com este frio e chuva, as contas na farmácia devem ter aumentado, além de muitas outras necessidades a minorar». Deduzindo o desconto da farmacêutica, a factura do primeiro mês do ano soma setenta mil escudos.

Guimarães: Mais um cheque de dois mil escudos, da assinante 66269.

Remanescente de contas, pela mão da assinante 58172, do Porto.

Condeixa: Presente, o assinante 72016 com seis mil, e «felicidades» para nós outros — que retribuimos.

Cinco mil, da assinante 11856, do Porto.

«Uma pequena migalha, com muito carinho para os Pobres que mais precisarem» — acentua o assinante 58778, também da Cidade Invicta.

Mais cinco mil, por intermédio da assinante 28382, de

S. Mamede de Infesta: «Várias pessoas me pediram para enviar este donativo».

«Anónimo, de Queluz», assim regista um bom Amigo, com setenta e cinco mil, «para um dos muitos casos que relatam no querido O GAIATO».

Leiria: A carta abre com «Bom dia!», e cita o salmo 40,5 — «Feliz o homem que põe a sua confiança no Senhor». E continua: «Cá vai mais uma 'gotinha' — dizem as assinantes 47307 e 49610 — para os Pobres da vossa Conferência. Pedimos ao Senhor que vos ajude a dar a mão a quem tanto necessita». Partilha completa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, d/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**PADRE CUSTÓDIO** — Regressou, no Domingo, dia 4, a Malanje.

Gostou de cá estar. Passou por todas as Casas do Gaiato e aprendeu muita coisa boa.

Disse que a Casa do Gaiato mais linda é a de Miranda do Corvo.

Disse, também, que a mais alegre é a de Paço de Sousa.

Foi amigo de todos nós.

Desejamos que passando agora, temporariamente, à Casa do Gaiato de Malanje essa é a que precisa de mais ajuda. Vamos mandar mais um contentor para lá. O mais necessário são alimentos, leite em pó, etc.

**ESCOLAS** — Os rapazes começaram a fazer as fichas de avaliação e querem que elas saiam com um *muito bom*.

Para isso têm que estudar muito...!

**VISITANTES** — Recebemos um grupo de escuteiros

## Cooperativa de Habitação Económica dos Antigos Gaiatos

É com muita tristeza que escrevemos estas linhas. O nosso Zé Eduardo foi chamado para junto de Pai Américo.

A Cooperativa e a Associação dos Antigos Gaiatos do Norte perderam um grande amigo. Com a sua colaboração demos vida à Associação e à Cooperativa. O seu entusiasmo e a sua entrega total estão em nossa memória. Vamos sentir muito a sua falta, pois o seu bom coração, a sua dedicação, o seu apoio e a sua ponderação — em momentos mais difíceis de ambas as colectividades — ajudou-nos muito.

Infelizmente, nem todos os antigos gaiatos estão dispostos a dar um pouco de si à Obra da Rua, a quem tudo devem, ou a outros gaiatos que, por vezes, precisam da sua ajuda. O Zé Eduardo foi um dos antigos gaiatos que esteve sempre presente quando a sua colaboração era solicitada. Em nome dos que tu ajudaste e mesmo em nome dos que te foram ingratos, o nosso muito obrigado.

Carlos Gonçalves

que percorreram toda a nossa Casa e escutaram o nosso Padre Carlos na Capela.

Almoçaram cá e, de tarde, realizaram jogos e uma sessão de teatro.

Recebemos, também, a visita do grupo «Amigos das Janeiras de Jovim», que ofereceram o resultado dessa iniciativa (cantar as Janeiras) à Casa do Gaiato de Paço de Sousa (76 contos).

**PORQUINHOS DA ÍNDIA** — Temos bastantes! Recebemos um casal, oferecido pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Agora, temos muitos! São mesmo lindos!

**POMBAL** — Caíram nele algumas árvores por causa do mau tempo. O nosso Padre Júlio mandou plantar outras, novas. O «Macieira» e o «Botija» fizeram os buracos.

**VACARIA** — Por falta de luz, durante três dias, não pudemos tirar o leite às vacas, cheiinhas dele. Durante este tempo tomámos leite em pó. Mas do que mais gostamos é do das nossas vacas.

**FUTEBOL** — Os júniores jogaram com um grupo do Porto. Não venceram porque comeram muita feijoada, tendo empatado o jogo por 3-3.

Filipe David

**MÚSICA** — Já nos ofereceram mais duas violas e algumas flautas.

Agora, temos um grupo de dança constituído por doze rapazes.

Peço, desde já, aos nossos Amigos que tenham instrumentos musicais, e que não os utilizem, o favor de no-los oferecer.

**DESPORTO** — Os iniciados perderam com a Ovarense por 4-3, mas não é motivo para desanimarem porque o lema diz que perder ou ganhar é desporto.

José Miguel («Melão»)

## RETALHOS DE VIDA

### «Camisa»



Eu sou o Benedito João da Conceição, mais conhecido por «Camisa». Tenho doze anos de idade e estou, cá, há cerca de nove anos. Vim para a Casa do Gaiato, de Maputo, em 1992.

Estou aqui porque os meus pais, sendo tão pobres, abandonaram-me. Eles não tinham condições para me criar e deixaram-me na Casa do Gaiato. Hoje, sinto-me feliz por estar aqui. Frequento o sétimo ano de escolaridade e quero ser cozinheiro.

«Camisa»

## BENGUELA

**CRUZEIRO** — Era do plano do nosso Padre Manuel edificar um centro de oração, uma vez que temos feito a nossa concentração espiritual no salão, onde têm havido outras actividades como a TV, jogos, estudos, etc.

Teremos, daqui a pouco tempo, um ponto de encontro para oração: um cruzeiro. Esperamos a inauguração na grande Festa da Páscoa.

**CAMPO POLIVALENTE** — Há tanto tempo que se falava neste campo e ninguém pensava que haveria progresso. Agora, é que está mesmo a andar! Em pouco tempo estará construído. É uma ajuda de empresas petrolíferas.

**ANO ESCOLAR** — Recomeçado o ano escolar, entrámos num ano novo com novas forças. Esperamos que seja diferente do ano passado — que não foi lá muito feliz.

**CARAS NOVAS** — Temos dois rapazes que são irmãos: o mais velho é o Luciano ao qual chamamos *Lano*; tem doze anos. O mais novo, Manuel «Manecas», tem quatro anos e é o nosso mais novo. Para nós uma grande alegria.

Falando ainda do mais novo, o «Manecas», é muito simples, animado, dá-se com todos nós.

Um cronista

## TOJAL

**JARDINS** — As plantas são a nossa alegria, pois dão flores lindíssimas e todos nós gostamos de apreciar a sua beleza natural. Os nossos jardineiros tomam conta dos canteiros para que possam ser ainda mais lindos.

**OVELHAS** — Os indivíduos tornaram a regressar para

levarem um dos carneiros. Os rapazes tiveram que dormir no curral para que isso não acontecesse.

**PORCOS** — Tivemos muito pouca sorte: a porca oferecida não durou muito tempo na pocilga, acabou por morrer e a carne não foi aproveitada.

**POMAR** — À volta dos pomares foram plantadas macieiras. Esperamos que se fixem no solo para que possamos, um dia, comer do seu fruto e não aconteça o mesmo que à porca.

**FUTEBOL** — Hoje, defrontámos uma equipa forte, à nossa altura. Estavam bem preparados, o que quer dizer que, desta vez, eles saíram vitoriosos, ganhando por 4-2. Estávamos muito confiantes e não houve treinos durante a semana.

Abílio («Pequeno»)

## A minha herança

A minha herança  
É uma memória triste.  
É um coração de criança  
Neste corpo de homem.

A minha herança  
É um tempo triste  
Em alegre Primavera  
Das abelhas  
E das borboletas.

A minha herança  
É a resistência  
Contra a má sorte  
Da vida que foge.

A minha herança  
É um passado atónico  
Crepuscular e melancólico.  
É um momento com esperança  
No desconhecido amanhã!

Manuel Amândio

## MOÇAMBIQUE

**QUINTA** — No mês de Janeiro tivemos muitos melões e melancias. É o fruto que os gaiatos de Moçambique mais gostam.

Também colhemos milho para dar às vacas leiteiras.

**VACAS** — Temos dois grupos: vacas do corte, que nos dão a carne; e as leiteiras que nos dão o leite.

**LAGOA** — É linda e muito grande. Tem patos e peixes. É rodeada de caniços. Está grande porque caiu tanta chuva! Também, por lá, há certos animais muito perigosos, como a cobra.

Benedito («Camisa»)

## SETÚBAL

**GARAGEM** — Na semana passada começámos a fazer uma garagem para a retroescavadora não apanhar mais chuva. As obras vão adiantadas. Já levantámos as paredes. Agora, falta pôr o telhado e fazer o chão. A máquina está velha, mas ainda dá muito jeito para os trabalhos mais difíceis e também merece uma boa casa.

Carlos Nascimento

**REBARBADORAS** — Comprámos duas rebarbadoras novas para a serralharia. São das pequenas, mais potentes do que as que tínhamos. Agora, temos quatro. Assim já não é preciso estarmos *montes de tempo* à espera que alguém acabe o trabalho.

**BERBEQUIM** — Também comprámos um berbequim de apertar e desapertar. Tem muita força e dá muito jeito porque facilita muitos trabalhos que a gente faz.

José Jarreta

**CARRINHA** — Ganhámos uma carrinha nova, de caixa aberta. Ela é branca e leva sete pessoas na cabina: o condutor e mais seis (são três bancos à frente e quatro atrás). Aguenta com 1200 quilos! Mal chegou, começou logo a trabalhar, a carregar coisas que precisávamos. Foi um amigo da Casa que a ofereceu. Ele tem ajudado muito os gaiatos. A malta está contente porque a carrinha fazia muita falta. É boa para ajudar a camioneta a levar cargas mais leves porque ela está velha e já não aguenta muito com o esforço.

**ENSAIOS** — Já começámos a ensaiar para as nossas Festas grandes. Agora, a responsabilidade é maior. O Sousa ensaia os mais pequenos e o Ricardo «Azelta», os médios. Os grandes ensaiam sozinhos. Por agora só nos fins-de-semana.

# Setúbal

Continuação na página 1

arriscar. É que já perderam dois filhos de que ninguém faz nada. Andam na droga. Este vê-se contente, ganha para ajudar os pais e a droga ainda não o agarrou.

Nós olhamos para a vida e ficamos a pensar!... O senso comum tem de imperar sempre.

Os cursos alternativos ou mesmo a alternância dos cursos podem dar alguma resposta, mas ela é tão pequenina para um mundo tão vasto e tão ameaçador!

As campanhas e os escritos feitos por gente teórica que obedece mais a mandatos de interesse político baixo, ou a impulsos de vanglória e notoriedade grosseira, que ao amor verdadeiro pelo adolescente em perigo, criaram um ambiente de confusão e de medo muito difícil de ultrapassar.

Sabemos que a técnica avança e as novas tecnologias se instalam rapidamente e que é necessário preparar as pessoas, instruindo-as para ocuparem competidamente os seus lugares de amanhã. Mas, ele há tanto serviço sempre imprescindível para o qual bastam hábitos de trabalho, sentido de responsabilidade e alguma instrução; funções que estão a ser desempenhadas por estrangeiros, enquanto os jovens portugueses se tornaram objectos de trabalho para polícias, guardas prisionais, psicólogos, psiquiatras, toxicoterapeutas, técnicos de reinserção e mais... E mais!... Além da

avalanche que fica a crucificar a família, a dormir nas ruas, a arrumar os carros... perdidos... à espera da morte!...

«Eu não sou contra o trabalho infantil» ouviram os meus ouvidos dizer à senhora encarregada do Governo actual para dirigir a luta contra a exploração do trabalho infantil. «Eu sou contra a exploração desse trabalho.» Coitadinhos dos meninos e das meninas que não podem fazer a cama, pôr a mesa, aspirar a casa, lavar a loiça ou ajudar a mãe na cozinha!... Coitadinhos que são explorados! Coitadinhos!... E, com esta confusão, alguns pais e instituições deixam-se levar e fazem realmente dos filhos ou educandos uns coitadinhos!... E ele há tantos!

Naturalmente que não reside só no trabalho a terapia contra o risco, sobretudo hoje, que o perigo espreita continuamente com uma aliciação jamais observada na história humana. Mas o trabalho e as ocupações lúdicas e instrutivas continuam a ser grande medicação e sempre a melhor previdência.

Destas coisas que o homem sensato sempre fez, levado pelo amor e pela intuição, sem medos, sem ambições mas também sem constrangimentos!... Todas as pessoas de bem são contra a exploração do trabalho infantil, mas não contra a educação das crianças para o trabalho, em casa e na ajuda doméstica, etc.

Mesmo assim, os males que a este mundo vêm com esta exploração têm uma medida infinitamente menor que a droga, a prostituição ou toda a espécie de degradação infantil-juvenil de que somos actualmente vítimas, apesar do progresso e da abundância de bens.

Padre Acílio



A Capela da nossa Casa do Gaiato de Setúbal é um santuário de catequese evidente: nas imagens, nas pinturas, na beleza e no recolhimento.

Quando é a altura das Festas ensaiamos mais vezes para não darmos barraca e sair todo certo e direitinho.

C. Nascimento e J. Jarreta

**BEGAS** — Durante a tropa o Begas ensaiou a sua saída da Casa, começando por não aparecer aos fins-de-semana e disfarçando com telefonemas e convites para o juramento de bandeira.

Viu-se logo. O nosso Padre Acílio ainda foi à sua festa da tropa, mas não se entusiasmou.

Dizem que foi para a casa da namorada. Naturalmente lá lhe lavavam a roupa e o encantaram mais fortemente que nós.

Apareceu, aqui em Casa, no carro do futuro sogro e com o dito buscar as últimas coisas, mas borrou a escrita: Roubou o telemóvel do Zé Correia, na presença do Queiroz. Foi pena! Fechar, assim, a porta da Casa do Gaiato a si próprio, é, pelo menos, uma burrice.

**OBRAS** — Em nossa Casa continuam a gastar-nos energias e dinheiro. Valeu a nossa colaboração e a dádiva de alguns materiais. Estamos a acabar uma garagem para a retroescavadora e a arranjar o telhado de um antigo galinheiro para guardar as máquinas de rega, bem como as mangueiras e os espalhadores da água.

O que nos vai consumir mais são as obras na casa da Arrábida. É preciso renovar todos os esgotos e canalizações de água. Vai ser um sarilho e uma azáfama para tudo estar pronto no próximo Verão. Já se abriram os buracos no terceiro andar. A casa está cheia de pó.

Queremos modernizá-la, isto é, dar-lhe um ar mais harmonioso e decorado. É preciso muito dinheiro e muita persistência.

**BICICLETAS** — Temos uma dezena delas. Andámos um pouco embaraçados porque

toda a gente as queria, mas ninguém se oferecia para ser chefe, isto é, responsável.

Não sabemos como, mas o Daniel tem sido um *cristo* muitas vezes, na garagem delas, a arranjar furos e outras avarias e tem tomado conta desta responsabilidade. Parabéns ao Daniel! E não te arrependas.

É tão bonito, aos Domingos, ver os rapazes pelas nossas avenidas a deliciarem-se com o movimento das bicicletas! E toda a gente sabe andar! Assim se toma a noção intuitiva do equilíbrio. Viva o Daniel!...

**ENGUIÇO** — No Lar, de Setúbal, houve um enguiço. Não sabemos como, mas alguém, por duas vezes, ligou o telefone para as linhas eróticas e gastou quase trinta contos. O Hélio foi saber à Telecom e aquilo marcava o dia e a hora, Meia-noite ou mais.

A malta do Lar esteve reunida com os chefes e o nosso Padre Acílio, mas ninguém se acusou. É pena! Assim não se redime uma falta destas!

Esperamos que o esperto se encontre consigo e arranje forças para dizer, ao menos, ao chefe. — Eh pá, fui eu...! Não custa nada. Assim, poupa o sofrimento de todos.

**VENDA AVARIADA** — A distribuição do Jornal tem andado avariada. Os rapazes têm vendido tudo. Não fica um jornal. Mas as contas é que não têm sido limpas.

## DOCTRINA



De como nasceu a Casa do Gaiato do Porto

**TRAZIA** a imaginação ocupada com o convento de Arouca, para fundar ali uma réplica fiel à Casa do Gaiato de Coimbra, sita em Miranda do Corvo. Quatro anos de vida, naquele organismo social, ensinaram-me a transformar o pequenino Farrapo das ruas com simples mezinhas caseiras, a saber: muito pão, muito sol e muito carinho. Como não tivesse em Miranda do Corvo possibilidades de aumentar, lancei as redes ao largo como fez o Pescador, procurando novas paragens sob o sinal da Cruz.

**AROUCA** fica longe da cidade, o pior mal da criança desamparada precisamente porque, nela, acha os seus amores. Quis indagar da sua posição jurídica e pedir o convento a quem de direito. Fiz alto em Paço de Sousa. Alguém que sabia do negócio pergunta: — Porque não fica por aqui?

O convento de Paço de Sousa, antiga morada de frades beneditinos, tinha sofrido um incêndio em 39 e fora abandonado pela Junta de Província do Douro Litoral. Havia ali unicamente um funcionário, mai-los caseiros. Escrevi quatro linhas para Lisboa. — *Que sim, fale com o Governador Civil.* Levei seis meses a limar arestas da burocracia. O Código diz que se deve prestar contas, eu dizia que não; e nisto se gastaram tempo e solas até à hora do triunfo. Ele há-de vir tempo, e já cá anda, em que as leis darão lugar a outras leis, como logicamente exige o sangue que se tem feito.

**TOMEI** posse nos fins de Abril do ano que findou (1943), na presença dos Magistrados, com as palavras do estilo. O diploma concede-me amplos poderes de fazer e de acontecer; mas dinheiros, não. Os obreiros do Evangelho sempre procuraram e amaram outros valores, pelo que são muitas vezes cognominados de *loucos*.

**MAS** eu necessitava de dinheiro. Uma brigada de operários começa

O Carlitos que vende na Navigomes, e é lá muito considerado, fez uma *gorra*. Quatro vendas na Quinta do Anjo, em vez de deixar lá o dinheiro em casa da Isabelinha para não ficar sem ele, nalgum assalto, não. Trouxe-o para Casa e distribuiu-o aos amigos.

Quando fomos a casa da Isabelinha buscar o dinheiro só havia o do Fábio. O do Carlitos não estava. Tinha-o dado ao Márcio Sobral que fez vida burguesa durante dois meses. Nem queria merenda para a Telescola! Não precisava. Havia lá café. Foi uma festa que redundou em tristeza para todos e em castigo para ambos. Parece que também com ele petiscaram o Joãozinho, o Gerson e o Jaime. São uns pontos!

Repórter zero

### LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — As gêmeas estão bem. São dum família exemplar e as

a demolir o extenso dormitório dos frades e a carregar a pedra para o local da Aldeia dos Rapazes. O arquiteto Teixeira Lopes já tinha riscado o pensamento que eu lhe confiara: Casas de família para sete, para doze e para quinze pequenos. Edifício das Escolas, das Oficinas. Capela. Enfermaria. Piscina. Balneário. Jogos. Campos de flores — beleza e amor ao serviço da Educação; terreno adequado onde cada um deponha as armas de vadio e tome as do trabalho.

**PRECISAVA** de dinheiro, sim. Tirei bilhete para Lisboa. Ouvira falar no Engenheiro Duarte Pacheco; sabia que ele era Ministro da Nação. Bati à porta do seu subsecretário. Revelei, apaixonado. — *Fale ao Ministro.* Marcou-se dia e hora. — Trezentos contos, meu senhor. Não se trata de obras públicas. A Casa do Gaiato não é ponte nem é cais. É uma Obra social para os vadiozitos do Porto, que os portuenses vão custear. Porém, quando chegar a hora de me apresentar, a dizer com verdade o que se tem feito e a pedir com justiça o que me falta, nessa data, disse, quero mostrar obra feita para que me escutem. Para isso peço este dinheiro. — *Sim; tome lá.* — Talvez não possa ser tão fácil, senhor Ministro, se eu declarar que não posso prestar contas. — *Nem deve!* O Ministro cumpriu. Eu também. É chegada a vez do Porto.

**TENHO** pedido nas igrejas, nos teatros, nas ruas, nas casas particulares; e tenho recebido, sim, mas as somas despendidas são astronómicas. O não prestar contas, não quer dizer que as não faça ou que as não mostre; podes examinar. Eu preciso de rasgos e sobretudo de muita compreensão da parte dos homens que me podem auxiliar.

**PARA** este ano corrente, dentro do plano geral, quero levantar mais algumas casas da Aldeia, instalar luz nas já construídas, rasgar a grande avenida de acesso, proceder aos esgotos, conduzir água de 2000 metros de distância. Sem falar no vestuário e alimentação de muitas dezenas de pequenos, já instalados.

*Padre Acílio*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

assume as suas responsabilidades. Conclusão: A mãe está desempregada, trabalha aos dias, e os encargos são muitos.

Tivemos sempre boas relações com os assistentes sociais, às quais já recorremos e muito nos apoiaram. No entanto, quando pedimos ajuda temos consciência das dificuldades que as famílias sofrem... O nosso trabalho é gratuito. Temos bom relacionamento com os Pobres. Sabemos ouvi-los. E reconhecemos os seus problemas porque os visitamos em suas próprias casas. Constatamos os factos.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Ilídio, sete mil escudos. Maria Marques, vale de dez mil escudos. Isabel, 6.000\$00. Assinante 34788, 5.000\$00. Araújo, 1.000\$00. J. R.D., 2.000\$00. Assinante 26358, o donativo habitual. Assinante 62005, 5.000\$00. Anónima, de Rio Tinto, dez mil escudos. V. N. Gaia, três mil escudos. Amiga, de Fiães, com suas palavras amigas e um donativo.

O nosso bem haja e Deus vos abençoe.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

## PENSAMENTO

Ainda se não deu conta de que a condição essencial de fazer algo de grande no Mundo é, precisamente, renunciar a tudo, tudo quanto ele oferece.

PAI AMÉRICO

## BENGUELA

## Início do ano escolar

O ano lectivo já começou, oficialmente. Como sempre tem acontecido, chegou a hora das estatísticas. Este ano, mais de dois milhões de crianças ficaram fora do circuito escolar. Só na Província de Benguela foram mais de vinte mil. É uma verdadeira calamidade! Se descermos aos locais onde o ensino é ministrado, em grande parte das Escolas, o sofrimento aumenta. São edifícios em ruínas, outros em estado de degradação avançado, outros debaixo das árvores..., sem carteiras e outro material escolar. Professores e alunos têm que ser verdadeiramente heróis, para tirarem algum proveito. Muito lhes é pedido! Estou convencido de que o profissionalismo não chega, se lhe faltar uma grande dose de amor. É preciso amar muito as crianças para não desanimar. Se, ao menos, as condições salariais fossem estimulantes... mas não são.

Esta é a situação que Angola vive. Os governantes têm consciência dela. Dizem que estão muito preocupados. É preciso agir. Estão a reconstruir. Milhares de Escolas foram destruídas

pela guerra bárbara que não pára de ceifar vidas e o património dos filhos de Angola. Não basta, entretanto, reconstruir. É preciso construir Escolas novas. Se, por um lado, é desolador o quadro apresentado, é aliciante o desafio grandioso lançado às forças vivas para ajudar a mudar este horizonte. Enquanto o Governo tiver como prioridade fazer a guerra para acabar com a guerra, o sorvedouro das melhores energias continuará insaciável.

O desafio é aliciante. Não teria sentido falar da situação dolorosa e ficar de fora. Fazemos o que podemos. Temos uma Escola, em dois edifícios, frequentada por cerca de 500 crianças, desde a pré à sexta-classe. As salas têm boas condições. Dezanove professores leccionam nos dois ciclos. Não há dúvida que a Escola absorve a maior parte das nossas energias materiais e outros cuidados. Está, assim, resol-

vido não só o problema escolar dos nossos rapazes, mas também o de muitas crianças dos bairros que nos rodeiam que, doutro modo, ficariam sem escolaridade. Estamos satisfeitos? Não. Enquanto houver crianças sem Escola não podemos repousar. A obrigação primeira é do Governo. Mas não chega. Entretanto, milhares e milhares de crianças são vítimas inocentes duma situação anormal.

Tal é o desejo de ver as crianças na Escola que, quando me procuram na rua a pedir dinheiro, prometo-lhes lápis e cadernos, se forem para a Escola. É que a maioria dos petizes não frequenta a Escola. São precisos cireneus espalhados pelas ruas da cidade e bairros a dar a mão aos caídos. Num país como Angola, há lugar para todas as vocações que nasçam dum desejo sincero e puro de servir. O futuro do país está em jogo no que toca à sua estabilidade social.

Estou a escrever num Domingo. O primeiro número do programa para este dia foi a Eucaristia. Custou-me muito fazer a homilia. Faltou-me coragem. Tive medo de estar a falar para quem não entendesse. No geral, toda esta gente é muito pobre. E, no fim, fiquei desconsolado e pedi perdão no íntimo do coração, por não saber falar. Foi o Evangelho das Bem-Aventuranças, segundo S. Lucas: «Felizes os Pobres, porque é deles o Reino de Deus». Ontem, quase ao fim da tarde, entre muitos Pobres, à porta da nossa cozinha, estavam duas mulheres com os seus bebés gémeos ao colo, tão magrinhos, tão magrinhos que fechei os meus olhos para não ver mais e pedi para lhes darem comida; tão esfarrapadas e sujas, como se ainda não tivesse visto gente assim! E é também e sobretudo a estas pessoas que tenho de pregar as Bem-Aventuranças de

S. Lucas: «Felizes...» Ape-tece-me chorar e não dizer nada. Tenho que falar; tenho que pregar com as palavras, com os meus gestos, com a minha vida. Tenho de ser pobre com eles para entenderem a mensagem. De contrário é em vão e é mentira. Quero deixar em vós uma grande inquietação: O interesse e o apreço dos cristãos pelos Pobres, famintos e outros e a acção com eles faz crível

o nosso anúncio da chegada do Reino de Deus?

Ao falar do início do ano escolar, não posso esconder a simpatia demonstrada para com a Casa do Gaiato de Benguela da parte de todos os responsáveis dos Estabelecimentos oficiais dos vários níveis de ensino. Tem sido uma verdadeira libertação de preocupações, o que torna a nossa carga mais leve. Obrigado!

Padre Manuel António.

## TRIBUNA DE COIMBRA

## Facilitismo e falta d'exigência

À hora em que escrevo, não está praticamente ninguém em Casa. Foi tudo para a Escola. Formação profissional, ensino regular e currículos alternativos são áreas escolares por onde se distribuem mais de cinquenta rapazes desta Casa, a maior parte dentro da escolaridade obrigatória e outros a ultrapassá-la, de longe, na mira do almejado 9.º ano.

Vejo com bastante apreensão a desmotivação crescente e o desaproveitamento de capacidades naturais que a maioria inegavelmente possui, para além da oportunidade de meios e condições. Vou à Escola com regularidade, falo com os professores e ouço desabafos. Às vezes, fico com alguma pena deles quando falam de aulas, que afanosamente prepararam, reduzidas a ensino inútil e desaproveitado, quando não mesmo vítimas de agressões verbais. Felizmente, ainda não há por cá os extremos que se ouvem falar em Escolas das grandes cidades. Por vezes, procuramos um elenco de culpados: ou são os pais que não educam nem acompanham os filhos no processo educativo, remetendo para a Escola competências educativas que esta não pode ter; são ainda as Escolas sem condições físicas e sobrelotadas; professores nem sempre vocacionados; a influência dos *media*, etc. Encontramos, sem dúvida, um pouco de culpa em todos estes agentes. Mas também é certo que as sucessivas reformas curriculares se têm pautado pelo facilitismo e pela falta de exigência. Há «tábuas de salvação» para todos os insucessos e mais algum que não se sabe, só para salvar — parece-nos — a bitola da estatística europeia. Não queremos exibir esse triste estigma do atraso e do analfabetismo e então sacrificamos o rigor e a exigência. Mas nem por isso conseguimos enconder — até em simples concursos televisivos — essa pecha iniludível da ignorância que de forma avassaladora e vergonhosa não poupa gente de «canudo e cartola».

E, estamos nós, num tempo privilegiado e rico em instrumentos de análise e apoio. Condições económicas nunca antes vistas, apoios psicopedagógicos variados. Ele há avaliações extraordinárias e especializadas, reforços curriculares e apoios acrescidos. E os resultados estão à vista. Em nossa modesta opinião falta uma opção clara pela família, pela instituição familiar como «lugar» de crescimento e de encontro. Concordam com isso as ciências do Homem, mas faltam opções políticas consistentes. É mais cómodo contemporizar com o populismo e a facilidade. E os resultados estão à vista e o mais que ainda está para vir.

Resta-nos, a nós, acompanhar os nossos. Fazê-lo com interesse e de forma também familiar. Só por aí se conseguirá alguma coisa.

Padre João

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

## Dar valor às coisas

NO regresso da visita a esta família pobre, ficou-me a latejar no coração: — Porque é que, no meio desta comunidade, que todos os Domingos se reúne para celebrar a Ressurreição de Jesus, continuam a existir Pobres, e há tantos anos a sofrer pela sua indigência?

É certo que o coração do homem, enquanto não passar pela purificação da morte, não se desprenderá totalmente dos vícios antigos. Por tudo o que fazamos pelos nossos irmãos necessitados de ajuda, por tudo aquilo com que os Governos dotem as sociedades, algo ficará por fazer. Talvez por isso a afirmação de Jesus de que Pobres sempre os teremos conosco.

Partilhar é, por isso, uma tarefa nunca acabada. Temos os meios, poucos ou muitos, os talentos para pormos a render em nosso favor e de todos.

A nossa consciência não pode ficar tranquila só porque participamos do Banquete Divino. Olhemos à nossa volta, no lugar onde vivemos, e respondamos ao desafio do Pobre. Ele provoca-nos a deixarmos uma consciência insensata!

Saibamos dar valor às coisas: com o que não é nosso, os bens materiais, podemos alcançar o que nos pertence — a Vida.

A referida família teve de deixar África nos anos da viragem na governação dos povos, e construiu um rés-do-chão onde montou uma oficina. Uma casa alugada era o seu lar.

A vida não prosperou como desejavam. Um segundo filho nasceu, poucos anos depois, nesta nova situação. Trazia consigo uma grande deficiência. Abandonaram a casa alugada e

acolheram-se na casa que sonharam um dia acabar. À oficina juntou-se o quarto e a sala e a cozinha.

Os anos foram passando e um casal de filhos, espaçados no tempo, vieram à luz. A família cresceu, mas a casa continuou igual.

O pai de família trabalha, sempre trabalhou, embora apoquentado pela pouca saúde. Também a mãe, logo que possível, foi em busca de proventos para a família. Agora é a filha, há pouco entrada na idade adulta, que deixa os estudos e começa a receber um salário. «É uma família muito estimada pelos vizinhos», dizia-me o Pároco quando juntos fomos visitá-los.

O ano passado, reuniram esforços e conseguiram construir as paredes do primeiro andar e a placa que levará o telhado. Mais alto não foram, e continuam a viver no rés-do-chão onde recomeçaram a vida.

A mãe de família veio abrir a porta. Entrámos. Duas ou três divisórias de madeira separam, no espaço amplo, dois quartos da cozinha que no início foi oficina. Ainda lá estão as ferramentas e a banca de trabalho. Algumas estacas que suportaram a construção da placa que serve de tecto, ainda estão no seu lugar. A água escorre pelas paredes e tudo está coberto de humidade. «Nós queríamos pôr o telhado na casa, a ver se valia a pena limpar e ter mobília em condições», ia dizendo a mãe e dona de uma casa que não queria assim.

Não entendemos como suportam viver em tão más condições. Haviam feito também uma divisão em tijolo para vir a ser a casa-de-banho, mas a louça sanitária e as necessárias canalizações não apareceram. Uma retrete, ao fundo do quintal, faz a sua vez.

Sem perceber, vamos olhando, e mesmo assim



Algumas estacas que suportaram a construção da laje de tecto ainda estão no seu lugar.

vendo alegria naquela mãe, naqueles filhos e no carinho com que tratam o seu irmão deficiente. Os Pobres confundem, dão lições ao mundo dos sábios.

Que bom se esta família fosse habitar o andar já levantado! Deixasse o rés-

do-chão que os acolheu nestes anos, e subisse! Bastava um telhado, umas janelas, e tudo o que é necessário para esconder o tijolo e as divisões que separam os espaços! Quem dera!

Padre Júlio